

LEITURA E ESCRITA: os desafios das crianças na alfabetização

READING AND WRITING: children's literacy challenges

*Advânia Dias Alves de Souza*¹

*Ludmila Louslene Soares*²

RESUMO: O presente trabalho integra a leitura e escrita em relação aos desafios das crianças na alfabetização. A leitura e escrita são de grande importância na alfabetização, pois é nessa fase que a criança descobre as letras, desenvolve a leitura do código, começa a entender o verdadeiro significado de ler e escrever, para que serve e como se usa. No processo de alfabetização, é fundamental que pais e professores deem atenção ao que as crianças escrevem, pois suas garatuhas e rabiscos têm significados e são relevantes para a aquisição da leitura e escrita. O professor deve se preocupar com o desenvolvimento da turma, se dedicando em levar o melhor dele para as crianças, com intencionalidade e atenção. A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida principalmente por meio de análise das teorias dos seguintes autores: Ferreiro e Teberosky (1999); Freire (1996); Morais (2012), Oliveira, R. (2017); Oliveira, M. (2010); Solé (1998); Teberosky (1997; 2008); e, Teberosky e Colomer (2003). Por fim, foram realizadas reflexões de que leitura e escrita são campos bem complexos e que as metodologias precisam ser bem fundamentadas, elaboradas e lúdicas para serem aplicadas, a fim de contribuir para um processo mais natural para a criança.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Leitura e escrita. Crianças.

ABSTRACT: This paper integrates reading and writing in relation to children's literacy challenges. Reading and writing are of great importance in literacy, because it is at this stage that the child discovers the letters, develops the reading of the code, begins to understand the true meaning of reading and writing, what it is used for and how it is used. In the literacy process, it is essential that parents and teachers pay attention to what children write. The teacher should be concerned with the development of the class, dedicating himself to bringing the best of it to the children, with intentionality and attention. The bibliographic research was developed mainly through analysis of the theories of the following authors: Blacksmith and Teberosky (1999); Freire (1996); Morais (2012), Oliveira, R. (2017); Oliveira, M. (2010); Solé (1998); Teberosky (1997; 2008); and Teberosky and Colomer (2003).

KEYWORDS: Literacy. Reading and writing. Children.

Data de Submissão: 09. set. 2021.

¹ Acadêmica concluinte do curso de Pedagogia do Centro Universitário Alfredo Nasser, no semestre 2021/2. Endereço para contato: advaniadiasalves@gmail.com.

² Professora orientadora, graduada em Pedagogia e Administração, especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais. Endereço para contato: ludmila@unifan.edu.br.

Data de Aprovação: 18. mar. 2022.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por caráter abordar sobre a leitura e escrita: os desafios das crianças na alfabetização. A leitura e escrita trazem significado para o mundo das crianças, onde tudo ganha forma e sentido; desenvolvem o cognitivo, a autonomia; empoderam a criança; e, elevam a autoestima.

Há a necessidade de entender o processo de leitura e escrita na alfabetização e os desafios que as crianças encontram nesse processo, pois a leitura e escrita é um campo bem complexo e requer um cuidado dos mediadores nessa construção. Nesse sentido, é preciso que tudo o que for ensinado à criança tenha valor, atribuição de sentido e significado, para que assim ela se situe e compreenda a linguagem escrita.

O estudo foi norteado pelas seguintes questões: o que são leitura, escrita e alfabetização? Como as crianças se desenvolvem nesse processo? Como o professor pode colaborar para que o processo de aquisição da leitura e escrita seja agradável para as crianças? A metodologia de pesquisa será a bibliográfica, que, segundo Gil (2021), é realizada com base em material já elaborado, seja de forma impressa ou disponibilizado pela internet.

Dessa forma, o artigo objetiva compreender quais são os desafios que as crianças encontram no processo de leitura e escrita na alfabetização, iniciando pela conceituação, com base nas teorias, da leitura, escrita e alfabetização. Em seguida, aponta-se sobre o processo de descoberta das crianças na leitura e escrita. Por fim, se ressalta a importância do professor na elaboração e organização dos conteúdos de leitura e escrita.

A leitura e escrita estão presentes em todos os lugares, nas ruas, nas fachadas, nos meios de comunicação e dão mais sentido à vida, tornando-a mais significativa. A escrita tem o intuito de informar algo, sendo do simples ao mais complexo assunto. A partir dela, o leitor tem uma interação e o objetivo é dar informações, orientações às pessoas, para adquirir conhecimentos novos e atualizar os construídos.

A alfabetização é um processo que começa nos primeiros anos de vida da criança e, com a interação com o meio, ela adquire conhecimentos prévios. Assim, a criança não adquire conhecimentos só na escola, pois, antes de chegar ao ambiente escolar, ela adquiriu conhecimentos prévios com a interação com a família e com meio.

No processo de alfabetização, é fundamental que pais e professores tenham interesse sobre o que a criança escreve, porque a criança passa por vários processos para ser alfabetizada. Que os mediadores, antes da decifração do código de leitura e escrita, as apresentem como essenciais para a vida, aprendizados utilizados o tempo inteiro, que estão presentes em tudo.

É de grande valia o professor trabalhar metodologias e atividades que envolvam a ludicidade, oferecer para as crianças algo interessante, de modo que o encantamento esteja também na alfabetização, para a aquisição da leitura e escrita. Dessa forma, a criança aprende brincando, obtém o conhecimento, a descoberta, o prazer em realizar algo. É essencial o professor trabalhar com os contos literários e populares, com diversos tipos de histórias na sala de aula; e, criar meios de como trabalhar as histórias, para fomentar o interesse dos alunos. É necessário que o educador faça atividades criativas, como contar histórias, exercícios de formação silábica com as palavras que contém na história, entre outros.

Logo, o que se pretende alcançar é a reflexão de que leitura e escrita são campos complexos, que as metodologias precisam ser bem fundamentadas e elaboradas para serem aplicadas com intencionalidade e sentido para a criança.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Breve conceito de leitura, escrita e alfabetização

A leitura e escrita surgiu há muito tempo, com a necessidade dos seres humanos em se comunicar. Ao longo do tempo, a leitura e escrita tiveram várias mudanças, e foi se construindo e se aprimorando, até chegar à linguagem de hoje, ou seja, é uma cultura historicamente construída. Teberosky e Colomer (2003, p. 84) afirmam que “Em nosso mundo, a escrita ocupa um lugar importante: ordena o espaço urbano, guia as ações das pessoas e informa sobre objetos ou atividades”.

Leitura e escrita estão presentes em todos os lugares, nas ruas, nas fachadas, nos meios de comunicação e etc., e dão mais sentido à vida, tornando-a mais significativa.

A leitura dá informações sobre o que se quer alcançar, o que fazer e o que se quer fazer. Amplia a visão de mundo, forma seres humanos mais livres para alcançar novos conhecimentos. Solé (1998, p. 22) ressalta: “A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer (obter uma informação pertinente para) os objetivos que guiam sua leitura”. A leitura esclarece as dúvidas, sana e responde as indagações do que não foi entendido.

A leitura é a base no processo ensino-aprendizagem, é a aquisição mais importante para o discente, porque é a partir dela que parte do processo de aprendizagem acontece, o que faz com que a criança tenha reflexões, que resultam no surgimento das hipóteses e na construção da sua própria autonomia. Quando a criança aprende a ler, convencionalmente a aprendizagem se torna mais fácil, as explicações do professor, a fala ficam cada vez mais esclarecidas na construção do saber.

Segundo Lerner (2002, p. 73),

Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania do mundo da cultura escrita.

Para tudo que a criança aprende na escola, é necessária a leitura, ou seja, todas as matérias exigem interpretação e compreensão do aluno. Quando a criança está no primeiro ano da alfabetização, uma das primeiras atividades está voltada para a leitura na formação das palavras, assim ela interpreta e compreende a leitura, sendo necessário um contato diário.

Cagliari (2004, p. 105) salienta:

A motivação da escrita é sua própria razão de ser; a decifração constitui apenas um aspecto mecânico de seu funcionamento. Assim, a leitura não pode ser só decifração; deve, através da decifração, chegar à motivação do que está escrito, ao seu conteúdo semântico e pragmático completo. Por isso é que a leitura não se reduz à somatória dos significados individuais dos símbolos (letras, palavras etc.), mas obriga o leitor a enquadrar todos esses elementos no universo cultural, social, histórico etc., em que o escritor se baseou para escrever.

Ferreiro (1999) cita que a escrita é um objeto social e cultural, que está em constante uso pela sociedade e não está sistematizada só na escola, é importante também fora dela. Dessa maneira, a escrita é formal e informal, está presente no dia a dia das pessoas, facilitando as atividades do cotidiano. A escrita está na mensagem de *WhatsApp*, na lista de compras do supermercado e tantas outras mais.

O intuito da escrita é informar algo, sendo do simples ao mais complexo assunto. Na escrita, o leitor tem uma interação, com o objetivo de dar informações, orientações às pessoas, para adquirir conhecimentos do que posteriormente não sabiam. De acordo com Cagliari (2004, p. 104), “A escrita deve ter como objetivo essencial o fato de alguém ler o que está escrito”. A escrita tem que ter clareza no que se quer passar para o leitor, para que assim obtenha satisfação ao ler o que está escrito.

Trata-se de uma prática da leitura e releitura de mundo. Teberosky (1997, p. 63) pontua: “A escrita é um conhecimento técnico, ligado a uma prática dirigida pelo ensino formal e que implica operações diferentes do mero reconhecimento ou reprodução memorizada de um texto”. A leitura e escrita são inseparáveis, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental.

É a linguagem que dá significado à escrita, de modo que a última é resultado das vivências, da escuta, da fala, para depois ser sistematizada. Teberosky e Colomer (2003, p. 55) asseguram: “A escrita é um sistema gráfico que está ‘no lugar da’ linguagem, ‘no lugar’ das unidades sonoras mínimas da linguagem. Este estar ‘no lugar de’ é a função primária e mais importante dos signos escritos”.

A alfabetização é um processo que se inicia nos primeiros anos de vida da criança e, com a interação com o meio, ela adquire conhecimentos prévios. Para Ferreiro (1999, p. 47), “A alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é, na maioria dos casos, anterior à escola e que não termina ao finalizar a escola primária”. Assim, a criança não adquire conhecimentos só na escola, antes de chegar à instituição escolar ela adquiriu conhecimentos prévios com a interação com a família, ou seja, se o ambiente for proporcionado com leitura e escrita, esse conhecimento se torna ainda mais enriquecedor. Em alguns casos, a criança já chega à escola sabendo escrever o próprio nome, diferenciar as letras e reconhecer seus traçados.

A alfabetização é o “lugar” onde os erros são constantes, que necessitam também ser considerados pelo professor, porque é errando que a criança aprende. O educador não pode esperar que o aluno aprenda logo, pois esse processo é gradativo e é necessário respeitar o tempo da criança. A autora (1999, p. 47) adita:

[...] A correção contínua e imediata gera inibição e impede a reflexão e a confrontação. Os erros também necessitam ser interpretados pelo professor, já que nem todos os erros se parecem (não tem a mesma origem nem “dizem” o mesmo com respeito à evolução). Qualquer adulto alfabetizado se engana ao ler ou escrever; o que indica seu grau de alfabetização é sua possibilidade de autocorreção.

Tolher a criança não fará com que ela aprenda, mas incentivar e proporcionar oportunidades de aprendizagem para que ela obtenha sucesso na construção de seu conhecimento do universo das letras e linguagens.

A alfabetização é a imersão na leitura e escrita, em que a criança apropria com liberdade para usufruir e construir seu conhecimento. No entendimento de Ferreiro (1999, p. 47), “É possível aproximar-se dela sem medo, porque se pode agir sobre ela e transformá-la e recriá-la. É precisamente a transformação e a recriação que permitem uma real apropriação”. Nesse sentido, é preciso que o professor deixe o aluno ter liberdade em sua escrita e também tenha empatia para entender as crianças em suas dificuldades, para que elas possam ter um verdadeiro aprendizado da leitura e escrita.

A leitura e escrita são de grande importância na alfabetização, pois é nessa fase que a criança coloca no papel as letras, desenvolve a leitura do código, começa a entender o verdadeiro significado, para que serve, como se usa. Essa descoberta é também, para muitos, uma fase de desafios.

Quanto mais cedo a criança for inserida na cultura de ler e escrever, melhor será para seu desenvolvimento. O processo de aprendizagem se torna mais fácil e ela não encontrará dificuldades na alfabetização. Quando a criança nasce, ela já está inserida em um mundo simbólico, cheio de significados, desenvolve suas percepções, sentidos, por meio de estímulos.

Na visão de M. Oliveira (2010, p. 38),

Os sistemas de representação da realidade – e a linguagem é um sistema simbólico básico de todos os grupos humanos – são, portanto, socialmente dados. É o grupo cultural onde o indivíduo se desenvolve, que lhe fornece formas de perceber e organizar o real, as quais vão constituir os

instrumentos psicológicos que fazem a mediação entre o indivíduo e o mundo.

É necessário oferecer um ambiente com diversos atrativos, que seja harmonioso para o melhor desenvolvimento cognitivo da criança. Porque sem o incentivo de um ambiente estimulador, um contato com os livros e a contação de histórias, certamente, quando essas crianças entrarem no primeiro ano do ensino fundamental, poderão ter dificuldades no processo de leitura e escrita.

Ferreiro e Teberosky (1999, p. 279) aduzem:

[...] Como conhecer o nome das letras, a orientação da leitura, as ações pertinentes exercidas sobre um texto e conteúdo próprio de muitos textos se não teve oportunidade de ver material escrito e presenciar atos de leitura? Não é possível descobrir por si mesma certas convenções relativas à escrita. Está claro que este tipo de conhecimento é transmitido socialmente por aqueles que outorgam valor a esse conhecimento.

Portanto, a participação e mediação da família são de extrema importância para o aprendizado da criança. A interação com o meio contribui muito no desenvolvimento da criança, de modo que é preciso ter contato com os livros de forma mais frequente, para que assim ela tome contato com as letras, tenha momentos de leitura, para que seja instigada em buscar a cultura da leitura e escrita.

2.2 Leitura e escrita: o processo de descoberta das crianças

É necessário que no contexto em que a criança está inserida, tenha leitura e escrita disponíveis para acesso. A participação, interação com os livros e com o meio, na primeira fase, são cruciais para sua desenvoltura. É importante a família interagir com a criança, proporcionar a ela momentos de aprendizagem, dar a atenção devida, conversar, ler histórias, brincar, assistir desenhos educativos, ouvir músicas, entre outros.

Portanto, é interessante que a família dê livros ilustrativos com letras, para a criança desenvolver suas percepções em leitura e se familiarizar. Ao proporcionar cadernos de desenho, lápis de cor e de escrever, tinta guache, para que ela rabisque, faça desenhos, estará construindo noções de escrita. Para que isso aconteça, é importante a participação dos familiares nesse processo. R. Oliveira (2017, s/p) explica:

[...] Para que isso ocorra de forma concreta, é fundamental que as crianças sejam incentivadas o mais cedo possível por todos aqueles que convivem, primeiramente por seus familiares, (pais, avós, irmãos, tios, primos, etc.). A família é fundamental em todas as etapas da vida da criança, desde então, no processo de alfabetização/letramento ela é muito mais importante e significativa, por se tratar de uma etapa extraordinária na vida da mesma.

Enfatiza-se que, nos primeiros anos da vida da criança, a interação é de grande valia para seu desenvolvimento. Quando há interação, é despertado na criança o desejo em aprender e a mesma não terá dificuldades no processo de alfabetização, terá prazer em aprender, descobrir coisas novas.

Para que a leitura e a escrita sejam uma descoberta agradável para as crianças, o professor precisa promover momentos incríveis; oferecer bons textos, de fácil entendimento e significados relevantes; organizar a aula, com objetivos a serem alcançados, o que deseja que a criança aprenda; não ensinar ou passar atividades aleatoriamente sem explicar. Conforme Solé (1998, p. 100), “é preciso ler com algum propósito e que o desenvolvimento da atividade de leitura deve ser relacionado com algum propósito”. É essencial que o professor aborde a leitura de diferentes maneiras, para que as crianças compreendam melhor o que está sendo proposto.

Quando a criança está começando seu processo de leitura e escrita, é necessário que os que mediam o ensino exerçam suas competências: paciência e empatia, sempre se colocar no lugar da criança, e lembrar que também já passou por essa fase um dia. Nunca se deve cobrar da criança uma escrita correta ao início da alfabetização e entender que ela está apenas começando este processo. É comum a criança, no início desse processo de alfabetização, trocar “O” pelo “U” e “E” pelo “I”. É preciso explicar que não se escreve da mesma forma que se pronuncia e sempre mostrar para a criança que está ali para esclarecer suas dúvidas, para o que precisar.

O professor, antes de começar a ensinar leitura e escrita para seus alunos, deve explicar que ler e escrever são essenciais para a vida, que é um aprendizado que se usa o tempo inteiro, que está presente em tudo e esclarecer também para elas que não se escreve da mesma forma que se ouve, que é diferente. Oliveira, R. (2017, s/p) elucida a importância desse diálogo: [...] “por isso é importante desenvolver o diálogo e a reflexão, no intuito de explicar para as crianças as

diferenças simbólicas entre a língua falada e a língua escrita”. Assim, esses esclarecimentos são essenciais para as crianças construírem seus conhecimentos.

No processo de alfabetização, Ferreiro e Teberosky (1999) atestam que é fundamental pais e professores terem consideração ao que as crianças escrevem; elas atribuem valor em suas garatujas e rabiscos, e sempre querem dizer alguma coisa. É natural que elas escrevam bolinhas, traços, misturem letras com números porque os dois são escritos, por isso não se pode ignorá-las, é preciso valorizá-las porque seu processo é gradativo. O avanço da idade e também as contribuições do meio em que ela está inserida são um grande progresso nesse processo de construção de leitura e escrita. É fundamental compreender que a criança passa por vários processos para ser alfabetizada, ou seja, na alfabetização sistematizada e organizada. Nesse sentido, para melhor entendimento, destacam-se que os caminhos que a criança percorre são os níveis que também são chamados de hipóteses.

As autoras (1999) revelam que, no nível 1, a criança já consegue diferenciar o desenho da escrita, ou seja, ao escrever seus rabiscos e garatujas (que são escrita real da criança porque ela atribui valor, porém não é uma escrita convencional), ela sabe que está escrevendo, e ao desenhar ela sabe que está desenhando. Na escrita dos nomes, a criança interpreta que se uma pessoa é grande ou mais velha, a quantidade de letras para escrever o nome deve conter muitas letras e traçados grandes. Se a pessoa for pequena e de pouca idade a quantidade de letras deve ser bem pouquinha. A criança atribui uma quantidade de letras dependendo do tamanho do objeto, ou seja, se o objeto for grande ela atribui mais letras, se for pequeno ela atribui poucas letras, como por exemplo: a palavra elefante: “FTDRSOPMETQB” e a palavra lagarta: “NRA”. Neste nível, a criança forma hipótese baseado no tamanho, na proporção. Ela entende o significado, o objeto que representa grande ou pequeno, e não o significante, a palavra.

Do ponto de vista de Ferreiro e Teberosky (1999), no nível 2, a criança usa as letras maiúsculas de imprensa, também chamadas bastão, porque são mais fáceis de escrever seus traçados, do que as cursivas, que são escritas juntas e ligadas. Ao escrever uma palavra, a criança não atribui uma quantidade de letras menos que três, porque menos que três, em sua hipótese, não é uma palavra que é para ler.

As autoras (1999) acrescentam que, no nível 3, na hipótese silábica, que é uma das mais importantes, a criança descobre que a letra representa a fala. A

criança começa a escrever a palavra por sílaba, ou seja, atribui um valor sonoro na sílaba. Quando se pede para a criança que escreva uma palavra como, por exemplo: rato: AO, cadeira: AEA, ela atribui o valor sonoro na sílaba, reconhecendo a sílaba nas vogais das palavras, porque têm o som mais forte.

Ferreiro e Teberosky (1999) asseveram que, no nível 4, hipótese alfabética, a criança vai mais além, ela analisa o que escreve e, ao escrever uma palavra, aumenta o número de letras e começa a entender o sentido da palavra como, por exemplo: Andreia: ADREA, passarinho: PASARINO. Neste nível, a criança está deixando a hipótese silábica e está entrando na hipótese alfabética. A criança descobre que nas sílabas não se atribui só uma letra, mas que contém mais de uma letra.

Nas palavras das autoras (1999), no nível 5, hipótese escrita alfabética, a criança compreendeu o valor sonoro dos fonemas, adquiriu conhecimento do sistema alfabético, mas ainda encontrará desafios pelo caminho que até mesmo um adulto às vezes encontra, que é a ortografia, os dígrafos, s e c, s e z e outros mais.

Ferreiro e Teberosky (1999) apontam que estas são hipóteses de escrita, que não são uma forma única para todas as crianças. Existem também diversas possibilidades de interpretação das crianças, porque cada criança tem sua maneira de entender a escrita.

O nome próprio é a primeira escrita que a criança realiza, é por meio dele que ela coloca no papel suas primeiras garatujas e rabiscos. A família desde cedo a instiga a escrever seu nome e, assim, se familiarizar com as letras do mesmo. Na escola, seu nome está presente em todos seus pertences, mochila, ficha, avental, uniformes, entre outros, o que contribui para que seja de suma importância. Teberosky (2008, p. 35) explicita que “é uma peça-chave para o início da compreensão da forma de funcionamento do sistema de escrita”. Nesse sentido, trabalhar atividades com nome próprio é uma ótima estratégia para as crianças conhecerem outros tipos de letras e nomes.

Quando a criança está iniciando a alfabetização, não é ideal o professor cobrar que escreva em letra cursiva, para que assim não roube a atenção dela do que realmente é importante aprender, a ler e escrever convencionalmente. Escrever em letra cursiva requer um esforço da coordenação motora, uma habilidade que a criança ainda não adquiriu o conhecimento do formato dessas letras. Assim, é

relevante que o docente proporcione momentos sobre os diferentes tipos de letras para a criança conhecer, como na Figura 1.

Figura 1 - Variações na tipografia

Para isso, precisam entender que, num âmbito geral, A, a, *A*, *a*, **A**, **a** e **A** são a mesma coisa. Variações na tipografia não criam novas letras, nem alteram, em princípio, o significado das palavras. AMOR e **A**mor são a mesma palavra.

Fonte: MORAIS (2012, p. 144).

O autor (2012) pondera que é preciso explicar que as letras são diferentes no traçado, mas que é atribuído o mesmo valor e significado das letras que elas estão acostumadas a fazer inicialmente (imprensa maiúscula). A criança tem mais facilidade em traçar as letras de imprensa maiúsculas porque não exigem tanto esforço como na cursiva, pelo fato de serem separadas umas das outras. Desse modo, a criança consegue diferenciá-las e, ao escrever uma palavra, tem uma reflexão sobre cada letra.

Considerando que a criança adquire conhecimentos nesse processo sobre os diferentes tipos de letras, o professor poderá ir trabalhando gradativamente a letra cursiva, até que seja diariamente, para que assim este processo seja natural para a criança desenvolver e aprimorar cada vez mais.

2.3 O professor na construção da aprendizagem da leitura e escrita

O professor é muito importante na vida escolar do aluno. Ele deve levar o encantamento para a sala de aula, mediar o ensino e desenvolver, da melhor forma possível, os métodos e a didática a ser trabalhada, para que sua presença seja agradável para seus alunos e desperte o interesse, a vontade do educando em estar na sala de aula aprendendo. O professor deve se preocupar com o desenvolvimento da turma, se dedicando em levar o melhor dele para as crianças.

O professor deve levar em consideração os saberes das crianças, os conhecimentos prévios que elas adquiriram no dia a dia e valorizá-los. E, partindo desse primeiro momento, se inicia o conteúdo sistematizado, científico, sempre entendendo seus alunos; que cada um tem sua subjetividade, seu jeito, uma forma

de ser; que a turma não é homogênea, mas sim heterogênea; que as crianças aprendem de formas diferentes.

De acordo com Freire (1996, p. 112),

A professora democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor o que tem para a modificação da realidade, a maneira consiste com que vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento importante que precisa de ser autenticamente vivido.

Uma das questões que o professor da alfabetização precisa observar é que nem todas as crianças tiveram a oportunidade de estudar na educação infantil. Dessa forma, é importante que ele leve a ludicidade para a sala de aula, que o encantamento esteja também na alfabetização, não só na educação infantil. Bacelar (2009, p. 30) define:

A ludicidade, como uma experiência interna, integra as dimensões emocional, física e mental [...] ela envolve uma conexão entre o externo (objetivo) e o interno (subjetivo) e, portanto, é de relevância significativa para a vida em todas as suas fases.

A criança aprende brincando, obtém o conhecimento, a descoberta, o prazer em realizar algo se ela for instigada. Porém, Solé (1998, p. 43) frisa:

Por outro lado, não devemos esquecer que o interesse também se cria, se sucinta e se educa e que em diversas ocasiões ele depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura e das possibilidades que seja capaz de explorar. Neste ponto cabe ressaltar que uma sequência rotineira de leitura [...] pela sua falta de novidade, pode ressaltar pouco motivadora para as crianças, especialmente se ela se transformar em uma sequência única.

É primordial o professor trabalhar com os contos literários e populares, com diversos tipos de histórias na sala de aula, além de criar meios de como trabalhar as histórias, para fomentar o interesse dos alunos. É necessário que o professor faça atividades criativas, como contar histórias, exercícios de formação silábica com as palavras que contêm na história, entre outros.

Deve-se oferecer possibilidades para as crianças, como por exemplo, a realização de um teatro com a história que foi trabalhada. Se não foi possível todos participarem do teatro, pode-se oferecer outras oportunidades para os que não participaram apresentarem a próxima história. Nesse sentido, o professor estará

formando leitores autênticos e desinibidos, estará formando leitores de maneira prazerosa e não de forma imposta, desagradável.

Solé (1998, p. 97) observa:

Talvez valha a pena fazer um comentário. Em geral, a leitura por prazer associa-se à leitura de literatura. É natural que isso aconteça, pois os textos literários, cada um em seu nível e no nível adequado dos alunos, poderão “enganchá-los” com maior probabilidade. Entretanto, também é muito frequente que a leitura do texto literário seja associada ao trabalho sobre textos – questionários de comentário de textos, análise da prosa, etc. – que, por outro lado, é totalmente necessário [...].

Assim, é fundamental que o professor proporcione momentos para as crianças interpretarem, em forma de teatro, situações que elas vivenciam no dia a dia; e, combine com a turma de levarem objetos para realizar o teatro. Ao promover esses momentos, o educador estará fazendo com que as crianças desenvolvam melhor a fal, e estará despertando o interesse em aprender a ler.

Segundo A. Capovilla e F. Capovilla (2003), um dos pontos principais no processo de alfabetização e formação de leitores, a consciência fonológica é formada por um conjunto de habilidades explícitas e conscientes, com o objetivo de identificar, manipular e segmentar sons da fala até o nível dos fonemas. A criança começa a desenvolver bem cedo estas habilidades, as palavras que contêm rimas, sons semelhantes e chamam a atenção dela. O professor pode explorar bastante estas habilidades, podendo trabalhar de diversas formas as cantigas de roda, parlendas e trava-línguas.

Na cantiga de roda, o professor leva os alunos para um espaço grande da escola para que interajam e cantem as cantigas e participem da roda. Ao voltar para a sala de aula, o professor pergunta qual a cantiga que eles mais gostaram e, em seguida, o mesmo escreve na lousa a cantiga e canta novamente com a turma, acompanhando cada palavra escrita. Em seguida, pede à turma para procurar palavras que se repetem e destacar e contar quantas palavras têm, e depois palavras que comecem com a mesma sílaba e assim sucessivamente.

Morais (2012) diz que trabalhar com essas possibilidades faz com que o professor saia da repetição da família silábica (PA, PE, PI, PO, PU). Não que essas não sejam importantes, mas existem outras formas de alfabetizar as crianças de uma forma mais criativa e enriquecedora, usando as palavras de sua convivência.

Explorar as palavras da cantiga faz com que os alunos conheçam e aprendam a formar as palavras de forma bem dinâmica, lúdica.

O autor (2012) ainda constata que outro recurso utilizado é o alfabeto móvel, que proporciona diversas maneiras de formar as palavras. O professor dispõe o alfabeto móvel para cada criança. Em seguida, escolhe com os alunos palavras que começam com a mesma sílaba; pede para eles formarem a palavra no alfabeto móvel; e, dá um tempo para que terminem, passando por eles discretamente, observando se conseguiram formar a palavra. Ao terminarem, o professor escreve com os alunos na lousa, mostrando a palavra que os alunos fizeram com o alfabeto móvel e, ao corrigir, o educador pede para os discentes escreverem no caderno.

Dessa forma, o professor estará usando a criatividade e os alunos aprenderão de maneira descontraída, formarão uma consciência fonológica, farão suas hipóteses sobre as palavras, quais letras as formam, e ao procurar as letras estarão diferenciando umas das outras.

Para Moraes (2012), uma atividade é buscar palavras dentro de palavras, em que a criança é instigada a descobrir e identificar os tamanhos e as semelhanças sonoras das palavras. Esta atividade permite o professor explorar com as crianças as sílabas iniciais, medianas e finais como, por exemplo: sílabas iniciais: a sílaba fixa “LA”: lata, lado, laço, lava; sílabas medianas: a sílaba “DA”: felicidade, variedade, habilidade, atividade; sílabas finais: a sílaba “TO”: pensamento, pirulito, contrato, jumento, adulto. Ao propor esta atividade, as crianças estarão descobrindo inúmeras palavras diferentes e com o mesmo som das sílabas.

O autor (2012) pontua que, no jogo “Caça-palavras”, será disponibilizada para a criança uma lista de palavras, em que ela será instigada a procurar as palavras dentro de muitas letras soltas. Muitas não formam palavras ou formam palavras que não estão em sua lista para dificultar a procura da palavra solicitada. Neste jogo de palavras, a criança brinca e, ao mesmo tempo, lê as palavras. Na realização desse jogo, a criança terá um manejo das relações grafema-fonema.

Na brincadeira “Brincar de ler”, Lemle (2004) destaca que o professor proporciona às crianças versos escritos para que elas memorizem e, em seguida, recitem, apontando para as palavras correspondentes. Assim, à medida que a recitação for avançando, os alunos podem usar a criatividade e criar seus próprios textos. Essa atividade oferecerá momentos agradáveis para os discentes, fazendo com que a leitura seja vivida por eles.

Com base nas ideias de Teberosky (1997), o professor pode trabalhar com os alunos vários tipos de textos para eles explorarem, fazer ditado, resumos, parafrasear, interpretar e tantas outras possibilidades. Ao promover essas atividades, o docente estará proporcionando para os educandos conhecimentos de diferentes tipos de textos e diferentes autores.

Nesse sentido, o professor alfabetizador tem que ter zelo com seus alunos e é preciso que ele tenha um cuidado com as metodologias a oferecer para eles, e respeitar o tempo e o nível de desenvolvimento em que a criança se encontra. Ensinar leitura e escrita não é uma tarefa simples, pois o educador tem que buscar conhecimentos, se capacitar sempre, de modo que em tudo o que for ensinar deve ter sentido, um propósito a alcançar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, “Leitura e escrita: os desafios das crianças na alfabetização”, foi discutido como as crianças se desenvolvem nesse processo, o quanto isso requer compreensão e capacitação de seus mediadores e como o professor pode desenvolver boas práticas de ensino, incluindo o lúdico em suas mediações.

Assim, conceituou-se a leitura, a escrita e a alfabetização, enfatizando que o objetivo da leitura é dar informações sobre o que se quer alcançar, o que fazer, o que se quer fazer, e que amplia a visão de mundo, forma seres humanos mais livres e pensantes para alcançar novos conhecimentos. A escrita é um objeto social, que está em constante uso pela sociedade, com o intuito de informar algo, sendo do simples ao mais complexo assunto. A alfabetização é um processo que é iniciado nos primeiros anos de vida da criança. Por meio da interação com o meio, ela adquire conhecimentos prévios e também os erros são constantes e necessários para o crescimento da criança. Estes precisam ser considerados pelos seus mediadores, porque é tentando e errando que a criança aprende. As crianças estão sempre em construção, criando, recriando, inventando, aprendendo, descobrindo coisas novas e desenvolvendo suas habilidades.

Em seguida, foram abordados os níveis de escrita das crianças e como elas se desenvolvem nesse processo. Para o desenvolvimento destes, é necessária uma

postura mediadora e atenta, pois é um processo complexo, principalmente quando elas estão no nível pré-silábico, em que descobrem que o que está escrito é uma representação da fala. Portanto, antes de se ensinar a leitura e escrita para os alunos, é preciso que seja explicado para que servem, como funciona, para que saibam porque estão lendo e escrevendo.

Dessa forma, o professor alfabetizador tem que ter empatia com seus alunos. É essencial que ele tenha reflexão, cautela com as metodologias e atividades, respeitando o tempo e os níveis de desenvolvimento em que a criança se encontra, para que assim ela adquira conhecimento, de forma natural, para evitar transtornos em sua trajetória.

Portanto, é de suma importância um ambiente estimulador onde a criança tem o contato com leitura e escrita, livros de literatura, músicas, desenhos, vários tipos de textos, folhas em branco, lápis de cor e de escrever, etc. As mediações e estímulos desde cedo com as crianças são cruciais para o desenvolvimento cognitivo, da autonomia e a coordenação motora. E, assim, o processo de aquisição da leitura e escrita será natural.

REFERÊNCIAS

BACELAR, Vera Lúcia da Encarnação. **Ludicidade e educação infantil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2004.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. **Problemas de leitura e escrita**: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica. São Paulo, 2003.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra: São Paulo, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

LEMLE, Miram. **Guia teórico do alfabetizador**. 16. ed. São Paulo: Ática, 2004.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**: como eu ensino. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vigotsky**: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2010.

OLIVEIRA, Rosane Machado de. Dificuldade no Desenvolvimento da Leitura e da Escrita nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Desenvolvimento**, Ano 2, ed. 1, v. 15, p. 163-188, fev. 2017. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br>. Acesso em: 18 abr. 2021.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TEBEROSKY; Ana. **Psicologia da linguagem escrita**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

TEBEROSKY; Ana. **Aprendendo a escrever**: Perspectivas psicológicas e implicações educacionais. São Paulo: Ática, 1997.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e escrever**: uma proposta construtivista. Tradução de Ana Maria Neto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2003.